



INTRODUÇÃO

“Quando se fala de cidade, nós que pertencemos à civilizações urbanas, assumimos sempre uma postura dupla em relação a esta forma de vida associada: por um lado, concebemos a cidade como lugar para nos encontrarmos e reconhecermos como comunidade, um lugar acolhedor, um ‘seio’; por outro, cada vez mais consideramos a cidade como uma máquina, uma função, um instrumento que nos permite, com o mínimo de impedimento, fazer os nossos negócios.” Massimo Cacciari, 2009

A proposta de requalificação da Feira Central de Campina Grande está fundamentada neste pêndulo de motivações do filósofo urbano Massimo Cacciari que nos impelem a estarmos juntos no tecido urbano. Entre a possibilidade de espaços e tempos para o encontro, o reconhecimento, a celebração comunitária que identifica o cidadão campinense, cidadão nordestino, cidadão brasileiro e também, espaços e tempos para a vivacidade, a energia vibrante, os modos de fazer e ser dos negócios do mercado. Sendo assim, definimos duas estratégias que estruturam a ação projetual: reconhecer e potencializar os usos e espaços existentes – preservando a dimensão imaterial, vivente, deste lugar; e aferir às necessárias novas construções um ato de clareza, de fácil legibilidade, de fácil exequibilidade – para que estes sirvam como justos suportes para a pulsante vida da feira. A proposta busca equalizar espaços projetados para suportar as diferentes formas de negócio, tipos de mercadorias, tipos de negociantes e fregueses, salvaguardando as expressões dos modos de criar, conviver, as simbologias de um “bioma da identidade do povo campinense” e simultaneamente oferecer novos e flexíveis espaços para estimular o fortalecimento de tradições e saberes hereditários e outros ainda novos, inovadores diante de dinâmicas contemporâneas de comércio e afazeres de coisas e artes ligadas ao cotidiano urbano.

A Feira, com seus diferentes endereços, que se espalham entre Mercado, Largo e ruas, oferece de tudo que se demanda. Para cada

endereço, um suporte de venda diferente: enquanto o Mercado concentra a maior parte dos boxes de alvenaria, as tradições das construções erguidas propriamente para negócios de feira, as ruas abrigam as barracas e bancas desmontáveis, as lonas e caixotes dos produtos de chão, por exemplo. Com seu caráter labiríntico, a Feira possui sua própria lógica de organização e de unidade, e nela se destacam as técnicas de venda características, os intercâmbios não só de mercadorias, mas também de sabores e cheiros, de histórias e culturas.

A Feira é um organismo vivo, um presente sempre em construção, uma sedimentação diária de muitas camadas de história e materialidades, que agrega saberes, hábitos, vínculos, tecnologias, etc. Seus espaços são híbridos, se acomodam ao sabor dos tempos, dos ciclos, das modas, e também resistem, perpetuam tradições, costumes, desde o Piabas, elaborando cotidianamente o sentimento de pertencimento comunitário.

É certo que hoje há precariedades insustentáveis, mas elas não estão diretamente ligadas aos modos de ser e viver a Feira, estão ligadas ao ambiente urbano que sua magnitude gerou. Desta forma, esta proposta busca preservar tudo o que o conjunto urbano pulsa de personalidade das dinâmicas da Feira e requalificar aquilo que adquiriu tal grau de precariedade que compromete a vitalidade do conjunto. Como escreveu Milton Santos, “trata-se de reconhecer o valor social dos objetos”.

REGRAS E EXCEÇÕES

Dentre a diversidade de situações e dinâmicas de ocupação, o projeto procura reconhecer tanto as singularidades como as similaridades – a fim de encontrar as regras e exceções na composição da arquitetura deste conjunto.

O projeto, encontra na implantação dos edifícios do Mercado Central o princípio constitutivo para a nova intervenção na quadra do

Pau-do-Meio, Armazéns e Cassino: a articulação de volumes de mesma tipologia e dimensões conformando em seus intervalos ‘ruas’ servidas de comércio. Desta forma, a intervenção procura definir um edifício-tipo que por suas características modulares e construtivas abriga os negócios, suporta as novas construções, demarca fachadas a partir da métrica 3mx6m. Esta operação espacial e construtiva realiza a conformação de eixos e perspectivas definidas, assim como define as bordas, os limites de quadra, além de aferir um ritmo visual e compassado, que ajuda o usuário da feira a apreender uma unidade em seu percurso entre edifícios, espaços e programas.

Em contraponto ao insistente ritmo desses edifícios-tipo que bordeiam o conjunto histórico do Mercado e penetram a quadra e lotes adjacentes, estão as exceções na requalificação. Dentro da ideia pendular de espaços ativos, vibrantes, celulares e dos espaços passivos, flexíveis, alargados, procuramos complementar a intervenção a partir do edifício-tipo, com estratégias singulares em cada um dos objetos do conjunto, a fim de recompor o imaginário das edificações em questão: o Largo do Pau-do-Meio deve voltar a ser lido como um alargamento entre o casario da cidade e o mercado; os armazéns devem manter suas características fundamentais como grandes espaços livres sob a forte presença de tesouras de madeira; o Cassino deve reconstruir um salão de uso coletivo para a cidade em seu edifício principal.

PRÉ-EXISTÊNCIAS

Nesta mesma direção de balanço, o patrimônio edificado é parte das referências culturais daqueles que vivem, trabalham e são afetados, de alguma maneira, pela Feira Central de Campina Grande. Edificações como o Pau-do-Meio, o Cassino, o Mercado e as fachadas remanescentes dos armazéns estão bastante degradadas e, em alguns casos, até mesmo estruturalmente comprometidas. O projeto busca designar usos a esses edifícios, incentivando assim a sua zeladoria e salvaguarda memorial compondo com suas estruturas pré-existentes as novas edificações que se justapõem de modo respeitoso, delicado,

eficientemente preciso para requalificar e preservar.

Para o Pau-do-Meio prevê-se o restauro da fachada e adaptação de seu interior para abrigar, entre outras coisas, o sindicato dos feirantes; para o Cassino, que abrigará um programa cultural, propõe-se o escoamento da fachada e a construção de novo volume interno, seguindo o princípio da distinguibilidade, sem a intenção de reproduzi-lo tal qual era antes, mas sim de demonstrar a contemporaneidade da nova intervenção em diálogo com a pré-existência; já para os armazéns, prevê-se a preservação das fachadas existentes; e, para o Mercado, a requalificação das edificações originárias e a demolição e reconstrução dos galpões do entorno a partir do edifício-tipo, preservando a volumetria original e conferindo melhor aproveitamento dos espaços.

CONSTRUÇÃO: SUSTENTABILIDADE E RECURSOS

Em linhas gerais de sustentabilidade, o projeto procura usar as técnicas construtivas e materiais mais presentes nos canteiros brasileiros em suas melhores funções: concreto para contenções de terra, lajes que recebem grande carga e também para faces da edificação diretamente expostas às intempéries; aço para volumes que necessitem que construção mais veloz, a fim de garantir o menor impacto nas dinâmicas dos feirantes e fregueses da feira; madeira pré-fabricada para grandes coberturas com vão mais modestos e com baixa carga.

O Edifício-tipo cujo sistema construtivo pilar-viga-laje é aderente ao mais usual das construções de baixa altura no país, tem função portante nos quatro lugares de projeto (Mercado, Quadra do Pau-do-Meio, Armazéns e Cassino). Ora suportando o encontro em desnível da rua com os espaços históricos do Mercado em edifícios de coroamento, ora suportando lajes e estruturas delicadas pré-existentes nos Armazéns e Cassino.

As coberturas, opacas, translúcidas, de sombreamento ou estaqueamento estão, por sua vez, suportadas por delgado sistema de madeira engenheirada, moduladas a luz do edifício-tipo.

Neste partido construtivo que se alimenta de saberes cotidianos e usuais, para Barracas e Bancas nas ruas a proposta é a construção de uma “gaiola” estrutural, de aço ou madeira, modulada no edifício-tipo, passível de acolher as diferentes materialidades de cada tipo de negócio, de cada dinâmica de produção de coisas e artes de vender.

Esta família de edificações tem por princípio a ação passiva de métodos de conforto ambiental, seja para o controle de ar, umidade e luz. Estas estratégias, baseadas nas diferenças de pressão do ar quente-frio, de aproveitamento da luz natural, de superfícies absorventes de som, desfrutam de recursos naturais comuns ao micro-clima agreste, mas sobretudo, da reserva de recursos hídricos em cisternas para época de chuva e de um desenho arquitetônico apropriado para o desempenho ambiental passivo.

A estratégia de trabalhar unidades construtivas celulares, como o edifício-tipo, permite o faseamento da obra sem a interrupção da atividade comercial. Usamos os espaços vazios, os boxes vazios para iniciar as mudanças e promover outros vazios de obra, de restauro e requalificação. Começar pelos Armazéns que está inabitado, e em sua intervenção acolhe também boxes de comércio, proporciona a desocupação do Mercado e da quadra do Pau-do-Meio numa operação concatenada de vazio-obra-transferência-vazio-obra-transferência, até que todos estejam realocados em espaços novos ou requalificados.

VIÁRIO E LOGÍSTICA

O projeto urbano da Feira Central busca recuperar a leitura morfológica das ruas, garantindo as condições de existência das suas lógicas de funcionamento enquanto leito carroçável e resguardando a organização espacial-setorial própria dos feirantes.

Os fluxos de automóveis foram reorganizados e algumas ruas foram transformadas em ruas compartilhadas e, com a intenção de liberar as fachadas dos lotes e reorganizar os fluxos de pedestre, as passagens foram propostas com no mínimo 2,5 metros de largura, sempre com permeabilidade visual.